ANO 7.º — Sexta-feira, 8 de Janeiro de 1915 — NUMERO 352

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$20
Semestre	$60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

A politica e o desastre de Angola

Sería logicamente natural e consequentemente regular que feita a Republica esta passasse a ser servida por tantos quantos por ela se sacrificaram, jogando o pão seu e o da familia indo até ao sacrificio da propria vida. A cada um desses dedicados e lealissimos partidarios sería, consoante as suas condições sociaes e respectivas habilitações oferecido em logar compativel, na certeza absoluta e antecipada que em cada um desses homens, tinha a Republica um defensor devotado e sincéro. Assim, o regimen estaria por toda a parte na mão de defensores que nunca vacilaram em provar até onde ia o seu amor por ele, quer pezassem sobre eles o de terro ou a prisão com incomunicabilidade sem limite, como sucedeu a alguns.

Sería, pois, como acima dizemos, natural e logico que assim acontecesse: a Republica nos seus cargos de confiança e defêsa para republicanos.

Infelizmente, porém, tal facto não se deu nem já agora se dará.

Junto ao cuidado de não molestar qualquer, fosse qual fosse a sua burocratica situação, ainda que em palavras e actos declaradamente se mostrasse contrário ás novas instituições; agravado esse mal com a desgraçadissima ideia da constituição de partidos politicos, pecando vergonhosamente todos na sua fase de atração de novos correligionarios, politica essa que até alguem, com toda a propriedade, classificou de—*politica de traição;* a implicita necessidade que as novas adesões creavam de uma recompensa, de uma prova qualquer de confiança e de favor—deu em resultado que os velhos e intemeratos republicanos por principios e por convicções, unicos sustentaculos, hoje, da Republica, apesar de tudo—bem alto o podemos afirmar—fossem pouco a pouco postos de parte, sofrendo vexames, injustiças, agravos para que surgissem por toda o país, em todos os logares, chasqueando ainda das instituições—*os cristãos novos*—que os dirigentes supremos chamavam aos seus redis quaes outros solicitos pastores...

E nesta falsissima aparencia de geral democracia e devotados democraticos, nós vemos que enxameiam por toda a parte autenticos e conspicuos monarquicos, desdè as cadeiras ministeriaes até á regedoria mais comesinha, como prova evidente das aguerridas hostes sob o comando dos vários *feld marechaes* do evolucionismo, uniunismo e outros.

Isto significa apenas que os *vicios*, os erros e a desgraçada *orientação* que levou á morte a monarquia, continua, inalteravel, dentro da Republica.

Na suprema direcção dos negocios publicos e na administração geral de todos os serviços ficaram os mesmos homens, conservadores, imbecis e maus, mantendo atravez de tudo e contra tudo a velha e estafada rotina que eles reputam impossivel de modificação. O mesmo triunfo, enfim, da mediocridade que foi uma das mais notaveis carateristicas da monarquia nas questões as mais transcendentes.

Assim, supomos, até prova em contrário, que os pavorosos revézes que temos sofrido em Africa são até a natural consequencia da incapacidade de quem tinha o dever patriotico e a obrigação profissional de evitar esses tristissimos espetaculos oferecidos ao mundo civilisado e agravados com o sacrificio bem inutil de tantas vidas barbaramente suprimidas.

Não era segredo para ninguem que a Alemanha esperava apenas a ordem da mobilisação de forças militares nossas, para invadir a frônteira africana. No Porto, dizia-o por toda a parte o consul daquele país. E de facto assim aconteceu.

Reconhecida, que foi, a necessidade do envio de reforços tudo aconselhava que para ali seguisse um elevado contingente de maneira a impôr-se pela sua esmagadora superioridade, ao inimigo astuto, numeroso e bem armado.

Afirma-se, diz um jornal de Lisboa, que ao ser discutido em conselho de ministros a ida de forças para Angola se alvitrou a imediata necessidade de partirem 10 a 12:000 homens, opinião esta que não recebeu a aprovação unanime do conselho em virtude do que se deu ao destacamento do tenente coronel Roçadas o efectivo que ele levou e que ao chegar á provincia reconheceu ser muito deficiente.

Não é oportuna a ocasião para se fazer a liquidação de responsabilidades, acrescenta o mesmo jornal, *e, quando passado estê momento grâve voltar a normalidade, necessário se tornará então analisar o que se fez e o que se deveria ter feito!*

Essa analise, contudo, não trará remedio ao mal nem vida aos infelizes, vitimas da incuria e da ignorancia dos que proporcionaram aos inimigos a facil taréfa do esterminio daqueles.

Sem embargo, porém, do conhecimento da totalidade das forças inimigas, da nossa acção isolada, quando tudo indicava que deveria ser simultanea com a dos inglezes, se de facto assim se pensou, nós fomos estupidamente levar os nossos queridos soldados a uma chacina cruel e inutil, sem outro proveito mais do que o seu sacrificio e a prova publica da nossa incapacidade para tudo que não seja a réles politiquice de regedoria e bombasticas palavras de espanventosa resonancia.

Deixem-nos falar, deixem-nos desabafar.

Tivémos em Cuangar no dia 23 de outubro o assalto dos alemães que massacraram toda a guarnição composta de 2 oficiaes, 15 sargentos e 50 soldados e cabos europeus e mais 84 soldados indigenas, levando 2 peças Herard, 200 espingardas e 47.000 cartuchos! Conhecido que foi este desastre, o tenente coronel Roçadas partiu com 680 homens fóra a força de landins, e, chegado a Naulila, novo desastre sofremos bem mais terrivel que o de Cuangar, cuja prova está na propositada escusa de facultar ao publico informações precisas e verdadeiras de tudo quanto, de facto, lá se passou.

Veem elas, contudo, por partes e ás dózes para não alarmar em demasia a eterna vitima da incuria e ignorancia duns, da mediocridade e ambições doutros.

E não podemos nós dizer o resto... O resto que nos acode ao bico da penna, neste momento, que nos aceléra a circulação do sangue e agita a alma, revoltados com todo este descalabro, resultado do absolutamente directo das vis paixões que dominam os dirigentes, sem excepção, da politica nacional!

Atendam, senhores, que a monarquia não caíu só pelos seus erros, mas muito especialmente pelo desrespeito e falta de senso com que tratou as questões e os assuntos mais palpitantes e que mais intimamente se achavam ligados á alma da Nação, que é o Povo.

Basta de tanta asneira! Basta de tanto brincar com coisas sérias!

E' tempo de dignificar a Republica.

Films...

De acordo

Nota um coléga nosso que uma das grandes acusações de alguns partidarios do democratismo contra o governo do sr. Bernardino Machado era esta: não ser formado por antigos republicanos, historicos e ilustres, que déssem garantias de dedicação e amor pelas instituições. Pois forma-se agora, logo a seguir, diz o mesmo coléga, o governo democratico e todos nós verificâmos que os novos ministros nem são antigos, nem historicos, nem ilustres, nem coisa nenhuma.

Plenamente de acordo. Excepção feita do sr. Alexandre Braga, unico que se impõe pelo que vale e cujo republicanismo parece estar acima de toda a suspeita.

Ou não?...

O decano

Só agora reparámos, apezar de leitores assiduos do *Camaleão*, que este começou de enfeitar-se com o pomposo titulo de *decano dos jornaes portuguêses*. E' inofensiva a lembrança. Mas se para alguma coisa serve ser *de cano* nós daqui lhe apreciâmos o valor, reconhecendo a utilidade da sua existencia...

Pois onde vive o escaravelho?...

Ora vejam...

O imperador Guilherme dirigiu ao imperador Francisco José o telegrama seguinte:

> «Ao acabar este ano que ouviu caluniar criminosamente a nossa diplomacia de cristal, o nosso exercito de granito e a nossa marinha de aço, saudâmos o nosso verdadeiro e fiel aliado no começo do ano seguinte cuja data, com o auxilio do supremo e justo Todo Poderoso, os nossos inimigos deverão escrever tremendo.»

Acoméda-te leão...

O PADRE PATO

Voltou o espirito dos habitantes da freguezia de Arada a andar em efervescencia por causa do paroco, a quem, num manifesto agora distribuido e de que recebemos vários exemplares, se acusa de intolerante, hipocrita e mau, fóra o mais que não queremos contar.

O que tem graça e é realmente para admirar, é a persistencia das partes beligerantes, que ainda não cederam um palmo de terreno desde o rompimento das hostilidades. E tambem a protecção que cértos republicanos dispensam ao tonsurado, sem a qual ele não abusaria da maneira como tem abusado, chasqueando das instituições.

Mas se tudo assim vai...

O Democrata *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Junta Geral

Está marcada para ámanhã, ás 13 horas, a reunião extraordinaria da Junta Geral do distrito, duas vezes adiada por falta de numero não obstante os assuntos importantes que nela teem de ser debatidos.

Não é crivel que desta vez e pelo mesmo motivo a assembleia deixe de funcionar. Os srs. procuradores, decérto, comparecerão tanto mais que sabemos terem sido solicitados instantemente para não faltarem visto a Comissão Executiva não poder continuar nas suas funções caso isso se dê.

Vai, pois, finalmente liquidar-se ámanhã a questão que tanto interesse tem despertado no publico, questão a que deu origem o provimento do logar de 2.º prefeito da secção masculina do Asilo Escola, combatido pelo nosso director com justificada razão, como se verá no decurso das explicacões que foi convidado a dar perante a Junta Geral, de que faz parte, e que já deviam estar dadas, se os srs. procuradores atendessem á gravidade da situação, para evitar o desvirtuamento de intenções que nunca estivéram no nosso proposito e que só degenerados pódem acreditar aquilatando pelos seus os sentimentos dos outros.

Mas ámanhã falaremos, que ha tempo para tudo.

Verdades... amargas

A propria doçura que se pretende dar ás palavras que abaixo transcrevemos é incontestavelmente o que mais nos magôa, mas que convem registar porque a responsabilidade dos factos que a élas dão logar não pertence á nação: cabe, inteira, aos magnates politiqueiros que acima dos mais altos interesses da Patria, colocam as tricas de regedoria, unica coisa que convém á respectiva clientela.

Essas palavras, repetimos, num tom de repreensão paternalmente delicada, nem por isso deixam de traduzir uma verdadeira e bem cabida censura; as ilações tiradas, uma prestigiosa indicação aos que, cegos pelas suas vaidades e arrastados pelas suas ambições, nem ao menos reparam no tristissimo e miseravel papel a que criminosamente estão submetendo a nacionalidade portuguêsa, para a qual ha tanto, em arrancos de desnecessario e inoportuno patriotismo, não se cançaram de chamar a atenção do mundo inteiro.

Apreciem, pois, os nossos leitores e digam-nos com franqueza a especie de sentimento que os invade ao terminar a leitura.

E' o *Temps*, importante diário parisiense que, em artigo de fundo, aprecia a situação de Portugal perante o conflito europeu, considerando-a como muito complexa, e dizendo que Portugal, aliado secular da Inglaterra, *tem cumprido sempre os seus compromissos e restado a letra dos tratados. Assim, tendo a câmara dos deputados aprovado um voto de confiança ao govêrno para satisfazer qualquer pedido da Inglaterra, a atitude do Senado, numa evidente e simples oposição partidaria, não representa uma manifestação nacional.*

Seria para desejar que o gabinete do sr. Azevedo Coutinho tivésse uma maior estabilidade.

Passando a analisar a situação dos partidos politicos, diz que *a Constituição estabelece que, ao darse um conflito entre as duas casas do parlamento, o Congresso resólva em ultima instancia, mas para votar uma lei da importancia da atual e para tomar resoluções de caracter nacional, melhor seria evitar um tal proceder que enfraquece todas as iniciativas.*

Diz ainda que a situação parece sem solução no respeitante á politica interna, mas falta examinar a sua repercussão no estrangeiro e a sua influencia na politica internacional. E textualmente acrescenta:

Em Portugal as simpatias pelos francêses são quasi unanimes e representam por completo o sentimento publico, á excepção de um pequeno numero de monarquicos e alguns grupos de unionistas, que representam um elemento flutu nte e de diminuta importancia.

Os miguelistas, conhecidamente germanofilos e a atitude de D. Manuel, pôz termo á influencia dos partidarios da monarquia, que faziam a propaganda de uma aproximação com a Alemanha.

A França conta pois em Portugal muitos amigos sincéros e poucos inimigos declarados, e assim, a instabilidade parlamentar não póde ter a minima influencia na atitude da nação portuguêsa perante a questão atual, visto que aos sentimentos teremos de juntar os interesses tradicionaes que ligam Portugal á Inglaterra.

O *Temps*, comparando os dois países aliados, diz que *a dupla razão do sentimento e do interesse implica a prevenção da Republica Portuguêsa contra a Alemanha, a sua desconfiança hostil e a falencia rapida da propaganda germanofila em Portugal, ainda antes dos alemães terem lançado contra a fronteira portuguêsa em Angola os cuanhamas e outras tribus selvagens. Este procedimento dos alemães aumentou ainda mais a aversão de Portugal á Alemanha.*

Concluindo, o *Temps* escreve ainda que *Portugal e as demais nacionalidades pequenas teem bem nitido o sentimento da ameaça alemã e nélas os preparativos militares devem atingir uma grande atividade apezar das rivalidades politicas, pois esses países não pódem nem devem dominar o instinto da conservação da sua propria nacionalidade.*

Que dolorosas palavras de ensinamento traduzem as que aí ficam!

Que profundo dissabor deixam élas no nosso espirito!...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Teatro Aveirense

Por contrato assinado já, entre a Direcção do teatro e Maximo Junior, a exploração da nossa elegante casa de espetaculos passará a ser feita, durante o mez de Fevereiro, por este nosso amigo, que tão sobejas provas tem dado de bem conhecer o *metiér*.

E' caso para felicitarmos os frequentadores do Teatro, que no proximo mez vão ter uma *época* cheia de atrações e novidades, podendo desde já garantir a passagem, pelo *ecrain*, dos mais extraordinarios *films* da atualidade, e pelo palco, dos mais sensacionaes e emocionantes numeros de variedades.

Impostos

Por causa do aumento do imposto camarario alguns taberneiros da cidade resolveram fechar os sens estabelecimentos visto considerarem-no demasiadamente pesado na presente conjuntura em que os concorrentes são muitos e tudo cada vez está mais caro.

Com efeito de alguns sabemos que, a pagarem o que lhes é exigido, pouco faltará para lhe levarem tambem a camisa. E' preciso atender a que ao negociante assiste o direito de não só tirar no fim do ano os juros do capital empregado como ainda o produto do seu trabalho e por isso deve ser favorecido na medida do possivel, pagando em relação aos lucros que tiver. Pois como se compreende que A pague tanto como B depois de se saber que A lucra incontestavelmente dez ou vinte vezes mais do que B no mesmo ramo de comercio a que se dedica? A nossa contribuição industrial, por exemplo, é pesadissima. E porquê? Porque a comissão encarregada de a lançar entendeu ou entende no seu alto criterio que todas as tipografias devem pagar por egual, não procurando saber, por causa das massadas, quaes as que estão em condições de pagar mais ou pagar menos. E' isto justo? E' isto toleravel numa democracia? Póde o contribuinte aguentar com tudo e a tudo dizer *amen*, sem uma contracção, sem um géstо que denuncie o pêso dos encargos que provém das injustiças que se praticam?

Não; não é crivel. Sob pena da Republica sofrer nos seus fundamentos, tem que acabar o sistêma administrativo que se está seguindo, substituindo-o por outro que seja equitativo, de modo a não causar atritos e a que todos paguem sem protéstos aquilo que fôr de direito.

O contrario é forçar a nota; é caír de escantilhão num precipicio donde nunca mais sairá o regimem, que, pela bôca dos seus mais ilustres propagandistas, promoteu ao povo, que o abraçou como uma esperança, reduzir ao minimo os impostos, beneficiando o contribuinte sem prejuizo da nação.

Vamos. Compenetrem-se todos do seu dever esforçando-se por aliviar quem o deva ser com justiça e se reconheça que a isso tem direito.

A'manhã talvez seja tarde...

* * *

Escrito e composto o que aí fica, informam-nos que a câmara, no que diz respeito ao imposto do real de agua, se guiou pelo seguinte criterio: achar a média da quantidade de vinho manifestado **por cada taberneiro** nos ulti-

mos tres anos e sobre éla fazer insidir 7 décimas de centávo em litro para o efeito da avença do primeiro trimestre o que, com franquêsa, não achâmos demasiado se se atender a que a câmara póde elevar esse imposto até $01,7.

Que o consumidor é que paga a diferença, disso não temos a menor duvida. Contudo, os taberneiros queixam-se de que subindo o vinho ha menos vendas pelo que o prejuizo se reflete neles e não nos freguêses, como querem alguns.

Pois então reunam-se todos e com a câmara tratem do assunto de fórma a que fiquem salvaguardados os interesses de todos, inclusivamente os do publico que é, repetimos, quem paga as diferenças.

Governador civil

Acha-se já no logar para que fôra nomeado pelo atual govêrno, o sr. dr. Eugenio Ribeiro, cuja posse lhe foi conferida no dia 30 de dezembro sem que a ela assistissem mais do que os empregados seus subordinados.

Não sabemos qual seja o programa de sua ex.ª no desempenho do alto cargo que a Republica lhe confiou neste distrito. Ele é um antigo partidario das atuaes instituições, que se distinguiu no tempo da propaganda, e por isso supomos que o sr. dr. Eugenio Ribeiro não vacilará um momento sempre que se trate da defêsa do regimen ou dos interesses que lhe andam intimamente ligados.

Assim o esperâmos, cumprimentando o novo magistrado.

Invernia

Tem éla sido prolongada e dura, com uma persistencia que poucas vezes se tem observado.

As ultimas chuvas constantes e abundantes determinaram verdadeiras desgraças por todo o país, nomeadamente pelo norte, não sendo estranha a élas a nossa região.

Não se póde desde já fazer sequer um calculo aproximado, pois as aguas cobrem ainda vasta extensão de terrenos escondendo, por completo os seus estragos. Contudo afirma-se, e é verdade, que ha conhecimento de prejuizos importantes em várias propriedades que foram devastadas pelas aguas, grande quantidade de sal, que ainda se conservava nas eiras juntas ás salinas, foi derretido, áparte os estragos e prejuizos causados em bastantes casas, especialmente do lado do Rocio, onde os inquilinos, gente pobre, na sua maior parte familias de pescadores que o prolongado inverno já fazia ha muito sofrer, perderam roupas e outros objectas caseiros levados pela invasão das aguas. Muitas déssas familias abandonaram as suas moradías e um acto de verdadeira caridade sería, pela verba da beneficencia, acudir aos que mais sofreram e mais necessitam.

Para avaliar a altura das aguas em Aveiro, basta dizer que élas interceptaram por completo a passagem para a freguezia da Vera-Cruz, cobrindo o Côjo numa grande extenção, a rua do Cáes,. antiga praça do Comercio, rua dos Mercadores e quasi por completo a Arcada, caso que nunca se déra, isto sem falar nas ruas do bairro piscatorio, Praça do Peixe, etc., que estivéram todas debaixo de agua.

Onde, porém, está averiguado que o inverno fez mais prejuizos, foi em Coimbra por causa da invasão das aguas do Mondego, que désta vez atingiram ainda maior altura do que as enchentes formidaveis de novembro de 1852, dezembro de 1860, Janeiro de 1872, novembro de 1888 e fevereiro de 1900, a que assistimos. Agora, dizem as ultimas informações, que a agua chegou a marcar 6 metros e 60 centimetros no hidrometro da ponte de Santa Clara, isto é, mais 70 centimetros do que marcou a cheia de 1900. Por aqui se póde avaliar os estragos que a parte baixa da cidade sofreu, o prejuizo do comercio, sem falar nos desastres e vitimas produzidas e que mais avoluma a desolação na vetusta cidade universitaria. Duzentos contos talvez não cheguem para cobrir as perdas materiaes dos ultimos dias. Um horror!

No Porto, e quasi no mesmo sitio onde encalharam o *Veronese* e, recentemente, o *Silurian* e o *Bogor*, naufragou na madrugada do dia 1 o vapor carvoeiro *Jamaica*, norueguez de nacionalidade, morrendo toda a sua tripulação á excepção do fogueiro, que, apezar do temporal, poude alcançar a costa a nado, salvando-se.

Como principio de ano não podia, á vista do exposto, ser peor o desabrochar de 1915.

* * *

Na sua sessão de ontem, o Senado Municipal Aveirense, ocupando-se das tristes ocorrencias que ligeiramente ficam apontadas, deliberou manifestar á cidade de Coimbra o sentimento que aqui produziu a noticia sobre as inundações da parte baixa, com todo o seu cortejo de funestas consequencias, resolvendo, por unanimidade, levar ao conhecimento dos conimbricenses, por intermedio dos seus representantes no municipio, as deliberações tomadas nesse sentido.

PELA IMPRENSA

Passou mais um aniversário de *A Plebe*, hebdomadario republicano independente de Valença, com cuja camaradagem nos honramos, e que tem por director o cidadão Alfredo Barros.

A Plebe, que se acha querelada pelo M. P. por ter dedicado um numero á memoria do seu falecido conterraneo, o juiz dr. Moraes Cabral, vitima de uma politica de odios que atingiu o maior crime dos ultimos tempos, é um jornal moderno que se lê com agrado, bastante noticioso e bem cuidado pelo que não só o felicitâmos como lhe queremos significar toda a nossa solidariedade perante a perseguição, que, não podendo já alcançar o morto, se exerce agora contra os que, no pleno uso dum direito, prestam ao ilustre valenciano as devidas homenagens.

=A *Independencia de Agueda* tambem entrou no 12.º ano. O numero que alude ao facto recorda qual tem sido a sua acção no concelho onde se publica e insére o retrato do seu redactor principal, Eugenio Ribeiro, governador civil do distrito.

Cumprimentos.

UMA DESGRAÇA

Na manhã de segunda-feira desta semana foi encontrada na Malhada de Ilhavo uma pequena bateira contendo um capote que os soldados de infanteria costumam usar.

Tomado conhecimento do facto, a autoridade fez apresentar no quartel essa peça de vestuario que, pelo numero, rapidamente se apurou a quem pertencia. Era do aprendiz de corneteiro n.º 212, Agostinho Sequeira Pinto, que estava destacado na carreira de tiro. Pedidas para ali informações veio a saber-se que essa praça, que namorava uma rapariga da Gafanha, irmã do soldado n.º 216 da 4.ª companhia de infanteria, tambem destacado na carreira, conseguira com este, seu futuro cunhado, dispensa do recolher, no domingo 3, com certeza no intuito de irem passar a noute a casa.

Como, porém, encontrassem as estradas cobertas de agua em virtude da ultima cheia—continuamos ainda em suposição—e vendo a bateira proximo, apossaram-se dela para assim mais comoda e facilmente chegarem ao outro lado. Facil e infelizmente se conclue, pois, que por falta de equilibrio ou outra qualquer razão os dois desventurados caíram á agua e morreram á mingua de socorro que, naquele sitio, de fórma alguma lhes podia ser prestado.

Uma verdadeira desgraça.

Natal de guerra

Curioso, mesmo muito curioso, o que escreve um correspondente de Paris nas vesperas de Natal, comparando com a época presente o que se deu em 1870, a quando do cêrco da grande capital francêsa pelos prussianos, e onde se relata tambem um episodio deveras engraçado, se bem que pouco propenso a ser mais que uma chistosa anedota urdida, talvez, após o desvanecimento da impressão causada pelos terriveis sucéssos que o correspondente recorda.

E' digno de arquivo e por isso aqui estampâmos a carta onde ele se conta, a proposito:

No Natal melancolico que terá de ser o deste ano não faltará ao menos o perú. Paris não teme já os alemães. Eles estão perto, é verdade, a uma distancia que, em tempos normaes, um comboio percorre numa hora. Mas eles proprios se incumbiram de enterrar em solidas trincheiras esse *élan* formidavel que os trouxe, nos ultimos dias de agosto, quasi até aos *boulevards*. A ameaça afastou-se. Paris não está cercado. Paris readquire aos poucos o seu aspecto normal. Paris come e bebe (absinto á parte) como em tempos de paz.

Ha quarenta e quatro anos não era bem assim. O domingo 25 de dezembro de 1870 foi o 99.º dia do cêrco da cidade. O frio era horrivel. O termometro do engenheiro Chevalier—conta o cronista Fleischmann—marcava 10 e 8 decimos abaixo de zero. Ainda se não tinha entrado no periodo da fome, mas já os comestiveis rareavam. A manteiga estava a 35 francos o arratel, cada peru custava 80, cada posta de salmão 8, cada ovo 2. Um carniceiro comprá va por tres contos e tanto os tres elefantes do Jardim das Plantas e a carne desses animaes ia ser o prato de resistencia do *réviellon*. Os ratos, que daí a dois mezes a população inteira sofregamente devorava, estavam já a 60 centimos. Os pequenos restaurantes, um a um, iam fechando. Só as grandes casas, como a *Potel et Chabot* que, mais celebre que nunca, ainda hoje existe, organisavam *menus* inverosimeis a preços monstros para essa noite de Natal sem alegria.

Contou Sardou que nesse dia lhe foi permitido abandonar a bateria do Moulin-Joli, situada na margem esquerda do Sena, donde ele, então artilheiro, estivéram toda a manhã canhoneando os alemães de Argenteuil.

E quando de casa, onde fôra pôr um pouco de ordem na *toilette*, saía para ir jantar ao restaurante da moda, que era então ainda o celebre Brébant, um desconhecido aproximou-se dele, mostrando-lhe, com o ar mais misterioso, um cêsto coberto por um guardanapo.

—Sr. Sardou—disse o homem—tenho aqui uma coisa que será para o senhor, se quizer chegar ao preço.

—Uma coisa? O quê? Um objecto de arte?

—Uma coisa muito melhor do que isso, uma coisa para o seu jantar do Natal... Uma cabeça de vitela!

Ante tão sedutora e extraordinaria oferta, o dramaturgo não poude reprimir um movimento de espanto.

Ele sabia que em Paris apenas existiam algumas vacas reservadas para as ambulancias; os cavalos mesmo eram já raros. Uma cabeça de vitela em taes alturas era, como ele proprio dizia depois, contando a historia, um verdadeiro achado. Mas toda a duvida era impossivel. Ainda Sardou não tinha vindo a si de surpreza e já o homem, soerguendo cautelosamente o guardanapo, lhe mostrava a mais fresca, a mais apetecivel, a mais perfumada cabeça de vitela que um guloso poderia sonhar, mesmo em plena paz. O escritor não hesitou:

—Quanto?

—Ah! para o sr. Sardou não é caro... Sessenta francos, com o cêsto e tudo.

Sardou aceitou e correu ao restaurante a depôr a preciosa surpreza nas mãos do creado que habitualmente o servia, recomendando-lhe todo o segredo.

Chegada a hora do jantar, o dramaturgo, á meza com alguns amigos, mastigando á laia de *hors d'œuvre* um bife de cavalo, duro como pau, ante-gosava, sorrindo, o prazer da surpreza.

—Vou fazer-lhes servir alguma coisa de magnifico e raro. Aposto se advinham.

Mas nenhum advinhava. Um falava de fiambre, outro de galinha trufada, outro de enguias.

—Melhor que tudo isso: uma cabeça de vitela!

Sensação, entusiasmo... Mas eis que o *maitre de hotel* chega e põe sobre a meza com infinitas precauções um grande prato. Todos se debruçam.

Mas no prato ha apenas um liquido amarelado e espesso. A cabeça de vitela, modelada em gelatina por mão de mestre, tinha-se derretido. A imitação era, realmente, perfeita, e o fabricante, soube-o depois Sardou, tinha conseguido naquele dia vender cêrca de trinta eguaes.

...Este ano os alemães não estão em Argenteuil e os francezes batem-se mais longe que Moulin-Joli. As cabeças de vitela autenticas e os bons perus existem com fartura. Mas aos que se sentam em torno das mezas onde os logares vasios dos ausentes—Deus sabe onde—parecerão nesse dia ainda mais tristes, é o apetite que póde bem faltar...

Cumprimentos

Dirigimo-los ao sr. João Honorato da Fonseca Regala que acaba de chegar a Aveiro acompanhado de sua familia e com tenção de se demorar entre nós todo o tempo que as suas ocupações de engenheiro distinto lhe deixar livre.

Aveirense ilustre, o seu nome é dos que andam ligados ao movimento liberal désta terra, lembrando-nos bem do papel que desempenhou a quando da expulsão das irmãs de caridade do hospital, para aí trazidas pela corja da Vera-Cruz, hoje republiqueira afonsista dos quatro costados, podendo-se dizer que foi devido á energia do sr. João Honorato que a eleição da Mizericordia não poude ser roubada pelos farçantes, que de todos os estratagêmas lançaram mão infrutiferamente, pagando cára a ousadia. João Honorato não foi só um agitador da opinião. Mais alguma coisa fez e até á ultima se manteve no posto que voluntariamente havia ocupado com inalteravel serenidade. Tornou-se por isso credôr das nossas simpatías e o seu nome digno do nosso respeito.

Seja bemvindo, pois.

CARTA DE ANADIA

E' com o coração torturado de mágoa e o espirito amorfecido de desalento que vou redigir a carta de hoje destinada ao *Democrata*, jornal que para os bons republicanos, continua a ser aquele intemerato propugnador de uma Republica nacional e progressiva. Nestas linhas votarei todo o sentir de um concelho, de uma região e quiçá de um distrito que luta, na ancia de sacudir o torpôr, o jugo, que meia duzia de insignificantes, de nulos, lhe teem querido inocular na vontade viril e serena, supondo domina-la, vence-la, aniquila-la. Como se enganam, os insignificantes!

Como se tem provado e continuará provando, a grande maioria do povo da região de que Anadia faz parte primordial é republicana de uma só face, de uma só tempera. Sem estar filiada em qualquer dos partidos existentes, segue de perto e acompanha o Partido Republicano Português, por estar convencida de que só este partido, por enquanto, póde conduzir esta nacionalidade a rasgar e avançar pelo caminho de um futuro prospero, mais justo, mais humano. O dever, por tanto, de todos os dirigentes, tanto locais como de toda a parte deste país de onde é dado administrar, é, sem duvida, ouvir e atender a todas as reclamações justas, dentro dos limites do possivel, que lhe façam os orientadores dessa opinião, bem patriotica, bem republicana.

Todavía, assim não tem acontecido, o mais das vezes.

Os republicanos, não só de Anadia, como os de Oliveira do Bairro, e bem assim, os de mais alguns concelhos do distrito que não é preciso agora enumerar, veem sendo, de ha muito, preteridos, vexados e perseguidos, por quem obdece a... que ajudámos a eleger e que agora, do alto da sua omnipotencia ilusoria, nos amesquinha, nos esmaga e nos rouba os nossos mais lidimos e incontestaveis direitos.

Sim. As pretenções ou pedidos mais justos que os republicanos teem feito, de que o povo carece e a que tem incontestavel direito, desde que alguem que, por ironía do destino, se diz nosso representante em Côrtes, delas tenha conhecimento, ou que o contrário lhe seja pedido, por inimigos nossos, que não amam a Republica e que, por isso, o povo não acompanha, não lhe dando votos, teem sido sistematicamente desatendidos, sem que venha um raio que parta todos estes tiranêtes de comedia barata. Ah! mas esperem. Isto não vai a matar. Se pensam que hão-de ganhar a partida, levando-nos a melhor, enganam-se. Tomem disto conhecimento e dêem-lhe o remedio que quizérem, os que o remedio teem na mão. Se esses comparsas de comedias grotescas e ridiculas imaginam que nós não atinâmos ha muito com o fim que querem atingir, enganam-se.

Se pensam que irradiando-nos ou pretendendo desviar-nos do nosso posto, se pódem entregar impudicamente nos braços dos monarquicos, sem fé e sem ideal, são tolos.

A questão, nas democracias é de votos, e os monarquicos estão conhecidos e desacreditados de mais. Por isso, eu vos aviso—ó imbecís—o povo não vos dará o voto.

Gomes Junior

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, néssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pagamento.

Notas mundanas

Têve logar na segunda-feira o auspicioso enlace do sr. dr. Francisco Antonio Soares, filho do comerciante lisbonense sr. José Maria Soares, com a sr.ª D. Maria Regina Guimarães Pereira, filha do abastado capitalista, sr. João da Silva Pereira.

Testemunharam o acto civil o pae da noiva, os srs. Armando da Silva Pereira e Antonio da Cunha Pereira e a sr.ª D. Maria Terêsa Pereira Peixinho, assinando ainda o auto as sr.as D. Maria Luisa Marques Soares, D. Alice Conceição Marques Soares, D. Alice Barros Peixinho, D. Maria Serrão Pereira e os srs. José Maria Soares, dr. Luiz de Brito Guimarães, Joaquim Soares, Zeferino Soares, dr. Lourenço Peixinho, Antonio da Silva Pereira Peixinho e dr. Joaquim Peixinho.

Após o registo, que se efetuou em casa do pae da noiva, têve logar a cerimonia religiosa na egreja de Esgueira, ostentando a sr.ª D. Maria Regina uma riquissima toilette *e assistindo as mesmas pessoas que acimá deixâmos mencionadas.*

A noiva é uma menina muito prendada e instruida, tendo recebido primorosa educação que lhe permite distinguir-se no meio social em que vive, e o noivo tambem, cavalheiro de trato lhano e afavel, conquistou, logo depois da sua formatura em medicina, pelo seu caracter e outros atributos que lhe são inerentes, muitas simpatías tanto em Aveiro come em Cacia, onde faz clinica e conta fixar residencia com sua esposa apenas regressem da viagem de nupcias encetada no mesmo dia do noivado.

Infindas venturas.

=Faz depois de ámanhã dois anos o pequenino Afonso, filho do nosso amigo sr. Antonio Felizardo, digno chefe do posto aduaneiro nésta cidade.

Os nossos parabens.

=Estivéram em Aveiro os srs. Manuel Rodrigues Aires e José Simões Carrêlo, de Cacia; dr. Abilio Marques da Costa, do Valado; dr. Adolfo Coutinho, juiz em Carrazêda de Anciães; Antonio Vidal, aluno de medicina na Universidade de Lisboa; dr. José Lemos, de Albergaria-a-Velha; Francisco Valerio Mostardinha e Manuel Silvestre, de Nariz; Claudio Portugal, de Mamodeiro e Manuel Francisco Braz, da Povoa do Valado.

=Regressou a esta cidade o sr. Mario Duarte.

=Recolheu ao leito, doente, o sr. Placido Pereira, empregado da estação telegrafica.

=Encontra-se em Eixo a convalescer da gráve enfermidade de que ultimamente foi acometido, o sr. Manuel Maria Moreira.

UM PERIGO

O predio n.º 16 C, situado na rua do Gravito, está ameaçando iminente ruina. Abandonado já pelo inquilino do primeiro andar, informam-nos, porém, que continua vivendo no réz do chão uma familia qualquer que por ignorancia ou outra razão se não intimida com o desastre que está suspenso sobre a sua existencia.

O peor é que o mesmo perigo ameaça quem por ali passa, devendo tomar-se em conta o movimento de traseuntes que ha naquela rua.

A quem competir solicitâmos a imediata intervenção para que seja apeado quanto antes o referido casebre se ele neste meio tempo se não deixar caír.

E' um perigo que deve ser evitado sem demora.

O SAL

Corre agora no mercado ao preço de 45$00 o vagon.

Necrologia

Com 89 anos de edade deixou de existir ante-ontem, a sr.ª Maria Emilia Moreira, viuva do sr. João Moreira, ha pouco tambem falecido.

Era mãe do sr. Luiz Batista Moreira e avó dos srs. Gustavo, Luiz e João Duarte Batista Moreira.

=Egualmente morreu em S. Bernardo, sepultando-se ontem, o sr. Manuel Bernardo Moreira, conhecido pelo *Réca*.

A's familias enlutadas os nossos pêsames.

CORRESPONDENCIAS

S. João da Madeira, 30 de Dezembro

(Retardada)

Realizou-se efectivamente um grande comicio no passado domingo, 27, em Oliveira de Azemeis, para protestar contra o novo codigo de posturas da camara deste concelho.

Apezar do máu tempo a concorrencia foi enorme calculando-se em mais de 6 mil pessoas. Todos compreenderam o momento em que se deviam pôr em campo para combater quem se arvora em uzurpador da bolsa alheia, e dar-lhes as instruções necessarias para saberem cumprir os seus deveres e respeitarem os logares em que foram investidos, porque não se lembrando da situação precaria em que vive a classe trabalhadora, devido á grande crise que atravessa, e não se querendo lembrar que o pouco que o povo terá de o auxiliar não só com a bolsa como até com a propria vida para salvar as nossas tradições, os nossos interesses, a honra de portuguêses, tivéram a amabilidade de sacrificar o povo da fórma mais indigna e vergonhosa. Mas para quê? Para crear mais uns logarsinhos, satisfazendo assim compromissos com uns afilhados que já os esperam.

A camara se administrasse bem a sua receita, não tinha alguns empregados recebendo ordenado e sem utilidade alguma, mas tudo para sustentar os seus votinhos que lhe fazem arranjo em futuras eleições.

Emfim, tudo peior do que dantes.

Pois a câmara de Oliveira de Azemeis teve ocasião de vêr que o povo é soberano e nos tempos de liberdade em que estâmos, considera tal procedimento uma ofensa ás instituições.

* * *

Eram 12 h. e 45 m. quando foi aberto o comicio pelo nosso amigo sr. Joaquim Luiz da Silva, daqui, que fez saber ao povo quaes os artigos do novo código que se acham fóra das leis da Republica, parecendo justamente uma completa historia do José do Telhado. Por todos os lados saiam gritos de protésto e de abaixo a camara. Em seguida uzou da palavra o delegado da Associação de Classe dos Chapeleiros de S. João da Madeira, o operario e conhecido orador sr. Francisco da Rocha, que fez um importante discurso protestando contra a fórma de administração da camara de Oliveira de Azemeis pedindo a essa corporação que reconsidere, anulando os art.os em referencia, e que se lembre que ha cinco anos se dizia que o povo não podia nem devia pagar mais. Pela fórma porque fez a sua exposição foi muito aplaudido, ouvindo-se a continuação de gritos por todos os lados de—*Abaixo a camara e fóra o Belêza*

Falou depois o nosso amigo e inteligente professor, sr. Marques de Amorim, que protestou energicamente contra o procedimento da camara por ter saido fóra das leis. Apresentou uma moção de desconfiança que foi delirantemente ovacionada e aprovada pela assistencia, fazendo tambem lembrar que pela incompetencia da maior parte dos vereadores, o seu dever era demitirem-se desde já. Foi muito abraçado.

Abrilhantou tambem este comicio público o inteligente democrata, dr. Lopes de Oliveira, que foi recebido pelo publico com uma grande salva de palmas. Principiou por dizer ao povo quem colocou á frente dos destinos do concelho de Oliveira de Azemeis um chefe de conspiradores, como seja o dr. Beleza, que tenta por todos os meios perturbar a ordem calcando as leis da Republica.

O sr. dr. Lopes de Oliveira incutiu bem no espirito do povo, qual era o seu dever, indicando-lhe o caminho a seguir, caso a camara não queira reconsiderar e atender as reclamações justas que lhe são apresentadas.

Por fim falou um outro orador que veio do Porto assistir a este comicio, dizendo que logo que teve conhecimento da questão em referencia não devia faltar porque vinha defender os interesses dum povo trabalhador e que na situação atual não podia com mais sacrificios além dos da falta de trabalho nas industrias, protestando contra o procedimento da camara porque a quem mais afecta o imposto é á classe proletaria. Lembra que atualmente se encontram muitos lares sem pão devido á crise, cada vez mais assustadora. Foi muito aplaudido durante o seu longo discurso.

Por fim nomeou-se uma comissão de 3 membros em cada freguezia do concelho para, conjuntamente com as juntas de paroquia, protestarem contra o novo codigo e conservarem-se solidarias com as resoluções do comicio. Em sinal de protésto, caso a camara não queira anular parte dos art.os do Código de Posturas em que o povo é assaz sobrecarregado, ficou tambem resolvido que os estabelecimentos encerrassem as suas portas.

O comicio terminou na melhor ordem, ouvindo-se apenas por todos os lados gritos de—*Abaixo a câmara! Fóra o dr. Belêza!*

C.

Idem, 5

A falta da publicação da nossa correspondencia no ultimo numero do *Democrata* causou surpreza visto todos a anciaram neste momento em que é preciso defender a causa do povo trabalhador assaltado por uzurpadores.

Os estabelecimentos de mercearia e tabernas, em todo o concelho de Oliveira de Azemeis, conservaram-se fechados durante os dias 1 e 2 do corrente em sinal de protésto contra o novo Código de posturas camararias. A camara reuniu no sábado passado, dia 2, para resolver sobre a reclamação do povo e, por proposta do nosso vereador, sr. Antonio José de Oliveira Junior, ficou suspenso o novo código por 60 dias e nomeada uma comissão para, conjuntamente com a comissão defensora dos interesses dos comerciantes, estudar as bases em que deve assentar a modificação do codigo de posturas.

Compreende-se que assim possa ficar solucionado por agora a questão, mas é preciso que a câmara não descure o assunto, resolvendo o quanto antes.

Se assim fôr, não é muito á moda do dr. Beleza, mas como é justa a reclamação do povo, que tenha paciencia, que as *belêzas* dos seus serviços poderão calhar em outra ocasião...

Ainda por motivo do agravamento de impostos, feito pela câmara atual, germina a ideia désta e outras duas freguezias do concelho se emanciparem, reclamando a constituição dum novo concelho com a séde aqui.

Brevemente haverá uma reunião preparatoria para depois ser convidado o povo a manifestar se sobre tal reclamação que tem por éla a unanimidade do povo déstas freguezias. Como S. João da Madeira é a mais rica, pela sua industria e população, é por isso que sempre tem sido escrava dos caprichos e abusos dos mandões do concelho.

C.

Povoa do Valado, 5

Expirou mal o ano de 1914. Expirou mal legando-nos prejuizos materiaes causados pelo inverno inclemente com que se despediu, o luto pela morte tragica dos nossos irmãos, que no sul de Angola defendiam a integridade das nossas colonias e a obrigação que nos cabe de tomar parte na grande luta européa. Tudo isto nos legou o ano que findou em suas disposições geraes. Pelo que toca, porém, ao particular, tambem o 1914 contemplou este logar e o de S. Bento (Oliveirinha) com uma cêna de pugilato que o seu sucessor, por cérto, registará nos arquivos criminaes e na qual tomaram parte João Coutinho, deste logar e Antonio Carvalho, de S. Bento.

Narremos o facto para elucidação dos leitores, principiando pelo esboço da sua origem.

O sr. Antonio Carvalho, de S. Bento, possue um predio circuitado de vala ou rigueira confinante por um dos seus lados com a propriedade de Manuel dos Santos Coutinho, pae daquêle João, deste logar da Povoa.

Apezar déssa rigueira demonstrar iniludivelmente pertencer ao predio do primeiro, como afirma, gente conhecedora do caso, o sr. Coutinho pertende que a rigueira seja sua ao que terminantemente se opõe o seu legitimo possuidor, sem que o intruso, todavia, deixasse de, anteriormente, limpar a rigueira em questão e cortar as arvores néla existentes.

No dia 31 de dezembro ultimo, cêrca das 10 horas, o sr. Antonio Carvalho foi passear á sua propriedade, onde lhe apareceu o João, filho de Manuel Coutinho, armado de espingarda caçadeira.

Se entre os dois se trocaram palavras discordantes, não o sabemos; sabemos apenas que o sr. Carvalho se queixou, fazendo cientes os trabalhadores da linha ferrea, que perto se ocupavam no seu mister, de que João Coutinho lhe apontára a arma.

Sem mais preambulos: João Coutinho dirige se a sua casa e daqui para Aveiro afim de tirar licença de uso e porte de arma, segundo se crê, que não possuia áquéla data, como tambem se diz.

No seu regresso de Aveiro encontra-se com o seu antagonista no logar de S. Bento, o qual, em companhia dos srs. Manuel Francisco Braz e José de Barros, passeava destraídamente. Vendo que João Coutinho pretendia atropela-lo com a bicicleta em que se transportava, o sr. Carvalho increpa-o de provocador.

Poucas palavras trocadas passaram a vias de facto, constando que Coutinho colheu fructo com mais abundancia.

Que lhe preste e aproveite.

E eis aqui, sem falar dos anteriores, o que nos legou 1914, inspirado pelos caprichos do Coutinho (pae).

C.

Alquerubim, 2

Ontem apareceu o campo marginal do Vouga coberto de agua, sendo a cheia medonha.

Dizem as pessoas antigas, que nunca cá houve uma cheia egual a esta. Da serra veio grande quantidade de madeiras e lenha de conta que era apanhada por muitos individuos que andavam sobre a cheia, em bateiras, néssa faina. Uma bateira foi ao fundo, mas o tripulante salvou-se porque sabia nadar.

Tem caido casas, muros, arvores, etc. E' um inverno rigoroso. Os pobres nem teem que comer nem podem trabalhar, e por isso não admira que recorram ao roubo, porque ninguem quer morrer de fome.

=Continua doente o sr. dr. José Pereira Lemos distinto medico désta freguezia. Sua ex.ma espôsa tambem tem passado encomodada.

=Proseguem na escola oficial désta freguezia, os exercicios da instrução militar preparatoria aos mancebos de 10 a 16 anos.

C.

Ois da Ribeira, Agueda, 4

Para complemento da nossa ultima correspondencia vamos fornecer ao compatriota, residente no Brazil, mais alguns interessantes pormenores ácêeca da formação da Cultual na nossa terra.

Como já demonstrámos, o juiz da irmandade daquele tempo, um dos mais acerrimos jesuitas de casaca, tratou de trair os seus colegas da direcção para se pôr ao lado do famigerado padre conspirador, que, na ocasião da assembleia geral lêu a celebre pastoral do bispo da Guarda para conseguir indispôr o bom e ingenuo povo desta freguezia. E o juiz, com aquela astucia que o caraterisa, não teve em vista a doutrina expressa num edital que dias antes havia assinado e exposto ao publico e que é do teor seguinte:

O cidadão Manuel Maria Tavares da Silva, juiz da irmandade das almas desta freguezia de Ois da Ribeira:

Faço saber que a meza da minha gerencia deliberou em sessão de oito do corrente, que no proximo domingo, 17, pelas duas horas da tarde, se reunam todos os irmãos que pertencem a esta irmandade, na egreja e adro, desta freguezia, afim de se organisar a Comissão Cultual para tomar conta de tudo quanto pertença á egreja, assim como tambem convida todos os mais cidadãos que se prezam de ser catolicos, a comparecerem para, de harmonia com a lei, se formar a dita comissão. E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente e outros de egual teor que serão afixados nos logares do costume.

Eu secretario desta irmandade, Diamantino Francisco da Silva, o escrevi.

Ois da Ribeira, 10 de dezembro de 1911.

O juiz

(a) *Manuel Maria Tavares da Silva*

Ora aí fica meu amigo a doutrina do edital, e no dia da assembleia o criminoso padre lêu a pastoral, e o juiz disse—*amen*...

Depois deste vergonhoso espetaculo ainda alguns nossos amigos, vendo a egreja fechada e as bulas a venderem-se numa taberna, foram, como já dissémos, a casa de um influente monarquista mas em nada os atendeu visto os caciques estarem abituados a mandarem em tudo. O que restava fazer por parte do grupo republicano? Pôr-se em guerra aberta contra os seus desleaes adversarios, e neste ponto estamos irredutivelmente.

Já fui por duas vezes apedrejado quando regressava desta freguezia, aonde é paroco, o rev.º Adelino Roque. Tambem na vespera do ano novo foi atirado, propositadamente, um foguete, por uma creatura que acabava de assistir a uma bacalhoada no estabelecimento do Rezende, em direcção a um alpendre aonde estavam reunidos muitos republicanos, ficando estes, perante a provocação, socegados para evitar um conflito com os monarquistas. Já vê, pois, o amigo de que lado está a razão.

= Quando se resolverá, de novo, o *Povo de Agueda* a dizer que Ois se encontra em estado de sitio?

= Agradecendo o concelho do amigo Pinto Basto, somos de acordo que a receita é magnifica, mas torna-se necessario adicionar a ela mais esta parte: um chicote de cinco rabos para lidar com taes creaturas.

= O tempo tem corrido pessimo e as enchentes tem feito bastantes prejuizos.

C.

Comunicados

AINDA A MINHA DEFÊSA

Continua a constar-me que o meu ex-proposto não desiste de afirmar a toda a gente que pedi a minha demissão do logar de tesoureiro sem motivo justificado, para poder manter-se no mesmo logar em que foi nomeado pelo novo tesoureiro.

Pois está servido; vamos ter muito que vêr por causa déssa cantilena que não posso suportar.

O sr. Elias só poderá absolver-se se conseguir que o Inspector, dr. Joaquim de Oliveira, dê publicidade ao relato-

estado dos trabalhos revolucionarios do Porto. Constancio respondia por ele. O chefe miguelista, na hora propria, iria para a rua com a sua gente, no objectivo comum de destruir a *maldita Republica*.

Quanto ao general ou oficial militar que se pedia, isso era de dificil solução. A vigilancia em Lisboa era muito apertada. Procurasse o Jaime, dizia-lhe o outro, pôr o coronel Beça ou Seabra de Lacerda ante o *comité* militar do Porto. Ora o Lacerda, acrescentava o Constancio, estava em Soure dirigindo, na região, os trabalhos da causa. Quem podia servir os desejos do *Mijarêta* era o tenente da armada Pereira de Matos! Sim: o Pereira de Matos estava no Gerez, era tambem cérto, mas na sua passagem pelo Porto, serviria a tatica do Jaime!

No entretanto—e que lhes parece o Jaime?—a preocupação das armas que a D. Custodia guardava não saía do toitiço dos conspiradores que após várias *démarches* recebiam do reitor de Caminha, a *Consuelo*, a seguinte carta vinda de Vigo:

1 | 4 | 913

Minha amiga

A minha amiga Carmen *mostrou-me a sua carta e encarregou-me de lhe responder a ela. Relativamente ao meu namoro com o Custodio houve má compreensão da sua parte e daí as palavras injustas que me dirigiu. O que aqui ficou combinado foi eu dirigir-me a ele, visto a minha amiga não contar com facilidade de se lhe dirigir e portanto fi-lo a preveni-lo, conforme o receio que aqui lhe manifestei, de que não devia entregar as fotografias se não ás minhas ordens, pois receiaxa que Correia da Silva, que era muito das suas relações, tivésse meio de lhas apanhar. A minha prevenção foi portanto contra essa possivel intervenção daquele cavalheiro, e por isso não creio que seja mais de opinião que ela não foi justa. Já que obteve meios de se lhe dirigir, o que aqui me não disse ser-lhe facil, veja se volta-a ter com ele, e se consegue que lhe entregue os objectos. E' bom, porém, não lhe dizer a razão porque lhe fiz a prevenção, que não vamos desperta-lo da bôa-fé em*

dreca de polpa. A pedido do Aquiles conseguiram apenas da velhota a indicação para ser procurada perto de Famalicão, no lugar de Fradelos, uma D. Rosa Dias da Costa, mãe do célebre padre Rato, que, estando envolvido na famosa conspirata de 29 de setembro, se safára para o Brazil.

Efectivamente foram ali os conspiradores mas, ao regressarem, notaram os dedicados amigos da Republica, que estavam já no segredo da conspiração, que eles vinham furiosamente arreliados. Tinha motivado o caso o terem encontrado apenas armas anferrujadas e essas mesmo em quantidade irrisória.

Os manuelistas resolveram apoderar-se, custasse o que custasse, do armamento e adquirir outro que julgavam necessário para o bom exito dos trabalhos conspiratorios.

Oportunamente diremos aos nossos leitores, com curiosissimo documento, como o reitor de Caminha se preparava para o assalto ás armas guardadas pela hospedaria da rua do Calvário.

Por esta ocasião, como os leitores veem, a preocupação dos conspiradores era a aquisição de armamento. Assim, Antonio Cecioso de Sá e Melo, escrivão da Relação do Porto, dirigia ao conde Azevedo a seguinte interessantissima epistola:

Meu caro Conde

O portador, que o meu bom amigo já conhece, vai aí tratar do armamento. De harmonia com as instruções que leva precisamos de saber o custo de todo ele e o praso minimo com segurança para ser posto na fronteira e bem assim combinarem desde já a fórma como hade vir. Contavamos que Londres o fornecesse independentemente do pagamento ser feito por nós, porque estamos a vêr que o dinheiro que temos dificilmente chegará para tudo, havendo mesmo muita economia como vai haver, mas esperamos que se ele não chegar Londres nos auxilie com o preciso.

Daqui em diante não escreva mais para o Oliveira Lima porque ele vai para a Figueira no principio do proximo mez e não podemos ir lá. Quando quizer mande carta pelo Carlos Rego que vai para o Molêdo brévemente e ele me entregará

rio do balanço a que procedeu na tesouraria deste concelho. Animo-o a que empregue esse meio de defêsa para se verificar quem tem razão.

Duzias de vezes eu disse ao sr. Elias que as visitas oficiaes não se anunciavam; era preciso ter sempre tudo em muito boa ordem; e afinal nem o desenvolvimento de saldos apurados dia a dia estava devidamente escriturado para não acusar o motivo da minha exoneração! Depois a arrelia de ser apresentado ao Inspector esse documento sem valor; esse explendido modêlo da minha invenção, obra do acaso ou de felicidade na sua confecção, unico nas tesourarias do país, assim afirmaram alguns inspectores ao elogial-o.

E para que se procedia assim?

Já o tenho dito. Era a arte de conquistar esse emprego.

Eu não entrava na tesouraria só para conversar, por o serviço ser pouco; tambem ali ia como policia amador, para saber contar das suas apreciaveis faculdades de trabalho e favores concedidos.

A sua amizade, sr. Elias... Tem graça. Era um gracejo pegado em cumprimento de ordens.

Vem então encarecendo o favor que fez de assinar o registo civil da minha Ismalia? Veja se se recorda por quem mandou oferecer-me a sua boa intenção.

A esse tempo ainda se ignorava em Ilhavo que tinha assinado o registo do Saul, em Agueda, onde fui acompanhado por meu padrinho!!!

E como para aumentar a fortuna da sua futura nóra era preciso eu ter filhos ligitimados, conveniente se tornava alguem encaminhar-me a assinar esses reconhecimentos, a pretexto de manifestar um elevado sentimento de amor paternal!!!

Mas se um filho dos vossos fosse denunciado de ser pae, empregariam logo trinta artificios para esconder o fructo de amores criminosos. Os filhos assim gerados não fazem parte da familia déssas gentes de elevada representação social. Teem que ser analfabetos, cocheiros ou marinheiros. A irmandade economica não foi instituida pelo Cristo que adoram nas suas macaqueadelas.

Para mim tudo foram amabilidades manhosas, cheias de satisfação eguista; processos monarquicos preparando adiantamentos futuros.

E sabem como agradeci esse trabalho e despezas inerentes, bem escusadas? Oferecendo uma gaita falante para deliciar as boas intenções do padrinho daquéla pobre creança.

E' interessante analisar estes individuos quando armam em perseguidores daquêles que trabalham no bem de todos, afim de acabar com a exploração individualista; a propria ganancia os derrota no campo da indignidade.

Ilhavo, Janeiro de 1915.

Marcos Ferreira Pinto

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Anuncios

PRECISA-SE rapaz apresentavel para loja de merceария e fazendas brancas, com alguma pratica, que dê boas referencias e tenha bôa caligrafia.

Condições com o proprio.

Dirigir a Ernesto Maia—Costa do Valado.

Teatro Aveirense

ANUNCIO

Faz-se publico que, no dia 31 do presente mez de Janeiro, pelas 11 horas, nas salas do Teatro Aveirense, desta cidade e perante a Direcção do mesmo Teatro, se receberão propostas em carta fechada, para a execução da empreitada das obras destinadas a modificar o aludido edificio. Os trabalhos são os que constam do processo de arrematação, contendo este: desenhos, medições, condições, caderno de encargos e memória descritiva e está patente aos interessados, todos os dias uteis, no estabelecimento dos srs. José Antunes de Azevedo, Sucessores.

O deposito provisorio far-se-ha sobre a mêsa antes da entrega das respectivas propostas, no proprio dia em que se realisar a arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 °/° do preço da adjudicação e o provisorio é de 2,5 °/° da base de licitação.

Base de licitação 8:550$00 Esc.
Deposito provisorio 213$75 »

Aveiro, 27 de dezembro de 1914.

O Presidente da Direcção do Teatro

Francisco A. da Silva Rocha

EDITOS DE 60 DIAS

Pelo juizo das execuções fiscaes do concelho de Aveiro, correm éditos de sessenta dias, a contar da segunda publicação destes no *Diario do Governo* citando Manuel Ferreira Felix, morador que foi na Avenida Bento de Moura, atualmente ausente em parte incérta nos Estados Unidos do Brazil, para, no praso de dez dias imediatos aos sessenta, satisfazer na tesouraria deste concelho a quantia de 72$69, além dos juros de mora, selos e custas de processo, proveniente de contribuições industrial e sumptuaria do ano de 1913, sob pena de seguir a execução seus termos.

Aveiro, 30 de dezembro de 1914.

E eu Artur da Graça Soares de Souza, escrivão o subscrevi.

Verifiquei a exatidão

Servindo de Juiz das Execuções Fiscaes

Armando de Castro Regala

VENDE-SE um arreio de carro inglês, ferragem de metal branco com dois mezes de uzo.

Para tratar na Correaria Fernandes, aos Arcos—Aveiro.

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Dilnidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das agua

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

—DE—

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos sonvencionaes. Manda amostras e preços a quem os requicitar.

Casa de emprestimo sobre penhores

—DE—

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0/0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido.

Esta casa acha-se aberta todo o dia.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor de Aveiro,** de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Grande deposito de adubos para todas as culturas

Preços correntes, a pronto pagamento:

Sulfato de amonia com 20 °/° de azote, saco		4$80
Nitrato de sodio com 15 °/° de azote	»	4$60
Cloreto de potassio com 50 °/° de potassa	»	3$80
Superfosfato de cal com 12 °/°	»	1$00

ADUBOS COMPOSTOS

G. C., saco	1$15
V. R., »	1$25
D. C., »	1$35

A praso 5 centavos por mez em cada saco

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

Bacêlos

americanos, barbados, das castas mais produtivas e resistentes, assim como eucaliptos

Vende — **Manuel da Cruz Manuelão**

Aveiro—*Oliveirinha*

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

VENDE-SE

uma bôa terra lavradia com perto de 12 alqueires de semeadura situada nos Andoeiros, limite da estrada do Senhor das Barrocas, ao Canal de S. Roque.

Nesta redacção se diz.

30

qualquer carta que me mande e que não deve vir com direcção. Peço me mande pelo portador todos os nomes dos individuos a quem nos devemos dirigir, nas diferentes terras das provincias, para vêr se conferem com as nossas informações ou notas que aqui temos. Isto é urgente porque queremos fazer já as ligações.

Seu,
Antonio

Como se vê tudo isto é interessante e digno de ser seguido com especial atenção o fio da historia, mórmente agora que começam a aparecer documentos com pseudonimos, que tambem serviram para endereços de cartas, referencias e assinaturas, e que nos apraz registar desde já para que a memoria dos leitores os retenha e assim possam acompanhar a descrição em todas as suas minucias.

Esses pseudonimos eram os seguintes:

O capitão Cerqueira: *Carmen de Barros e Almeida.*
O reitor de Caminha, Sá Pereira: *Consuelo* e *M. Martinez.*
O conde de Azevedo: *M. Gonzales.*
O Jaime Duarte Silva: *Hotel de Baviera* e *Santellas.*
O Azevedo Coutinho: *Antonio Fragoso* e *Mr. Delagard.*
O Abel dos Santos Ferreira: *Francionini.*
O Aparicio de Miranda: *Antonio Marques.*

31

Manuelistas e miguelistas vigiam-se—Pede-se um general para o Porto—Na hora propria o Jacinto comparecia!—Uma conferencia dificil—Dê as pistólas, D. Custodia!...—Uma carta do reitor de Caminha—Tableau!...

Teem visto os leitores que entre a tropa fandanga dos conspiradores nunca existiu harmonia. A cérta altura, os vigilantes amigos da Republica tivéram a justificada impressão que tudo aquilo era nem mais nem menos, do que a fiel execução da historia do padre Patagónia, mai-los seus grilos.

O Jaime Silva, ante a permanente intriga que, no seio da conspirata, representava o Jacinto, não descansava emquanto não empalmasse o astuto miguelista. Eram as suas raivinhas, este cabo de Matozinhos, que, fundamentalmente estupido, tinha uma alma enformada com todas as manhas de jesuita e a que ele não podia, desgraçadamente, dispensar.

O Jacinto, por seu turno, tanto se lhe davam as raivinhas do Jaime que um belo dia se foi de longada, furtivamente, até Lisboa, a admirar aquelas olaias que o *outro* invoca em hora de inquietações, enquanto o seu rival desesperava por o ter perdido de vista e não poder advinhar-lhe os intentos!

Sabido ele em Lisboa, o *Mijarêta* conhecendo que o Constancio Roque da Costa mantinha magnificas relações com o Jacinto, tratou de informar-se por aquele de todos os passos que o conspirador miguelista ali dava. O Jaime temia, sobretudo, que o Jacinto tanto andasse, tanto fizésse, que até lhe tirasse os galões de marechal do movimento!

Nesta torturante e vexada inquietação, o nosso homem mandou recado a Roque da Costa para que tomasse tento no Jacinto e de par e passo, para mostrar serviços, exigia que fosse enviado ao Porto um *general* ou qualquer *oficial de patente* superior para se entender com o *comité* militar.

E Constancio, o canarim Constancio, apressou-se a socegar a alma aflita do Jaime quanto ao Jacinto, que tinha sido chamado a Lisboa para serem conhecidos, através ele, o